

## ARNALDO JABOR

arnaldo.jabor@estado.com

SEGUNDA-FEIRA  
LÚCIA GUIMARÃESTERÇA-FEIRA  
ARNALDO JABORQUARTA-FEIRA  
ROBERTO DAMATTAQUINTA-FEIRA  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMOSEXTA-FEIRA  
IGNÁCIO DE LOYOLA  
BRANDÃO  
MILTON HATUOMSÁBADO  
LAURA GREENHALGH  
MARCELO RUBENS  
PAIVA  
SÉRGIO AUGUSTODOMINGO  
LUIS FERNANDO  
VERISSIMO  
JOÃO UBALDO RIBEIRO  
HUMBERTO WERNECK

## A volta dos coreanos brasileiros

Meu primeiro grande amor começou num “aparelho” do Partido Comunista Brasileiro em 1963, meses antes do golpe militar. No apartamento, havia uma sofá-cama com a paina aparecendo por um buraco da mola, entre manchas indistintas – marcas de amor ou de revolução? Na parede, havia um cartaz dos girassóis de Van Gogh e, numa tábua sobre tijolos, uns livros da Academia de Ciências da URSS. Um companheiro me emprestara a chave com olhar preocupado, sabendo que era para o amor e não para a política.

Pouquíssimas moças “davam”, na época anterior à pílula; transar para elas era um ato de coragem política. Nossas cantadas tinham uma base ideológica; famintos de amor, usávamos Marx para convencer as meninas.

“Não! Ai eu não entro!”, gemiam as namoradas, empacando na porta do apartamento. Nós, sordidamente, usávamos argumentos assim: “Mas, meu bem... deixa de ser ‘alienada’... A sexualidade é um ato de liberdade contra a direita.”

Eramos assim nos anos 60. A guerra fria, o “terceiro mundo”, Cuba, China, tudo nos dava a sensação de que a “revolução” estava próxima. “Revolução” era uma varinha de

condão, uma mudança radical em tudo, desde nossos “pintinhos” até as relações de produção.

Havia os radicais de cervejaria, os radicais de enfermagem e os radicais de estrebaria. Os frívolos, os burros e os loucos. Nas minhas cervejarias filosóficas do passado, o radical (que nunca havia feito nada pelo povo) enchia a cara e gritava: “Viva a Luta Armada! E, garçom, me traz um chopinho!”

Claro que havia também os grandes homens intrépidos, os guerreiros que morreram por seus ideais, com bala na agulha e coragem heroica, arrasados por militares treinados pelos americanos; foi um massacre.

Mas, na verdade, nunca houve bases concretas para o socialismo utópico que praticávamos, mesmo morrendo. Nós odiávamos os ‘meios’ e só amávamos os ‘fins’. Os fracassos nos emprestavam uma aura de martírio que nos enobrecia.

Era uma vingança contra traumas familiares, humilhações, pequenos fracassos. Era também uma mão na roda para a justificar nossa ignorância – não, pois não precisávamos estudar nada profundamente, por sermos a ‘favor’ do bem e da justiça. A desgraça dos miseráveis nos doía como um problema existencial nosso.

A democracia nos repugnava, com suas fragilidades, sua lentidão, sua obra sempre aberta. A parte chata da revolu-

ção deixávamos para a liderança ao presidente da República, na melhor tradição de dependência ao Estado. Jango, coitado, teria de orquestrar as forças delirantes, feitas de restos de um getulismo tardio, oportunismo de pelegos e sonhos generosos da juventude imatura. Valeu-nos 20 anos de bode preto.

Os radicais rotulavam as pessoas como: sectários, aventureiros, obreiristas, desviacionistas de direita, revisionistas, hesitantes, liberais. Ninguém mencionava outras categorias psicológicas: paranoicos, histéricos, babacas, caretas e até filhos da p...

## Milhares de inocentes estão sendo levados a concluir que voltou a hora do ‘comunismo’

Qualquer argumento mais sofisticado, qualquer sombra de complexidade era traição. O bolchevique espetava o dedo na cara do intelectual e fuzilava: “O companheiro está sendo muito liberal, pequeno-burguês revisionista”. E o ‘pequeno-burguês’ revisionista ia vomitar atrás da porta.

Um ‘camarada’ me disse: “O marxismo supera a morte!”. “Como?” –, disse eu, espantado. “Claro” –, me responde ele iluminado de certeza – “uma vez dissolvido no social, o mito do indivíduo se desfaz e a ilusão de

que ele existe como pessoa. Ele só existe como espécie. E não morre. O marxista não morre!”. E eu, fascinado, sonhei com a vida eterna...

Por que escrevo essas coisas antigas, estimado leitor? Porque li o espantoso manifesto do PC do B, em apoio aos psicóticos crimes contra a humanidade e seu povo que os Kims vêm cometendo. Defendem um dos regimes mais brutais da história.

Vejam o PC do B: Sr. Embaixador da República da Coreia do Norte:

A campanha de uma guerra nuclear desenvolvida pelos Estados Unidos contra a República Democrática Popular da Coreia passou dos limites e chegou à perigosa fase de combate real. Apesar de repetidos avisos da RDP da Coreia, os Estados Unidos têm enviado para a Coreia do Sul os bombardeiros nucleares estratégicos B-52. Os exercícios com esses bombardeiros contra a RDP da Coreia são ações que servem para desafiar e provocar uma reação nunca antes vista e torna a situação intolerável.

As atuais situações criadas na península coreana e as maquinacões de guerra nuclear dos EUA e seu fantoche aliado, a Coreia do Sul, além de seus parceiros que ameaçam a paz no mundo e na região, nos levam a afirmar:

1. Nosso total, irrestrito e absoluto apoio e solidariedade à luta do povo coreano para defender a soberania e a dignidade nacional do país;

2. Lutaremos para que o mundo se mobilize para que os Estados Unidos e a Coreia do Sul cessem imediatamente

os exercícios de guerra nuclear contra a RDP da Coreia;

3. Incentivaremos a humanidade e os povos progressistas de todo o mundo, e que se opõem a guerra, que se manifestem com o objetivo de manter a Paz contra a coerção e as arbitrariedades do terrorismo dos EUA.

Brasília, 2 de abril de 2013. Não é impressionante o atraso mental do País? Só o hospício.

Milhares de inocentes estão sendo levados a concluir que voltou a hora do ‘comunismo’, mesmo depois dos milhões de assassinados e do fracasso político e econômico. Milhares de jovens desinformados encham as faculdades de ‘coreanos’ em defesa da morte, da repressão e da fome. E saibam que o PC do B controla o esporte e a cultura nacionais.

Quase todos os que gritam slogans como patéticos escravos coreanos não haviam nascido nos tempos de Goulart.

Muita gente sem idade e sem memória ignora que o caminho é o progressivo aperfeiçoamento do que chamávamos de democracia ‘burguesa’, minando aos poucos, com reformas, a nossa doença fatal: tradição oligárquica e patrimonialista.

Há 40 anos, eu não sabia nada disso. Tanto que para levar meu primeiro amor ao apartamento, lembro de lhe ter dito, entre beijos: “Nosso amor também é uma forma de luta contra o imperialismo norte-americano”. E ela foi.

## Quadrinhos

## Blockbuster digital, agora em português

Ex-roteirista de *Lost* e desenhista do Homem-Aranha investem em HQ produzida com exclusividade para a internet

Ramon Vitrail

No futuro de *The Private Eye*, as redes sociais deixaram de existir e a internet ruiu quando mensagens, e-mails e fotos secretas ficaram abertos por 40 dias e 40 noites. Os segredos divulgados à revelia de seus donos criaram uma nova sociedade: com medo e sem privacidade, todos têm identidades secretas.

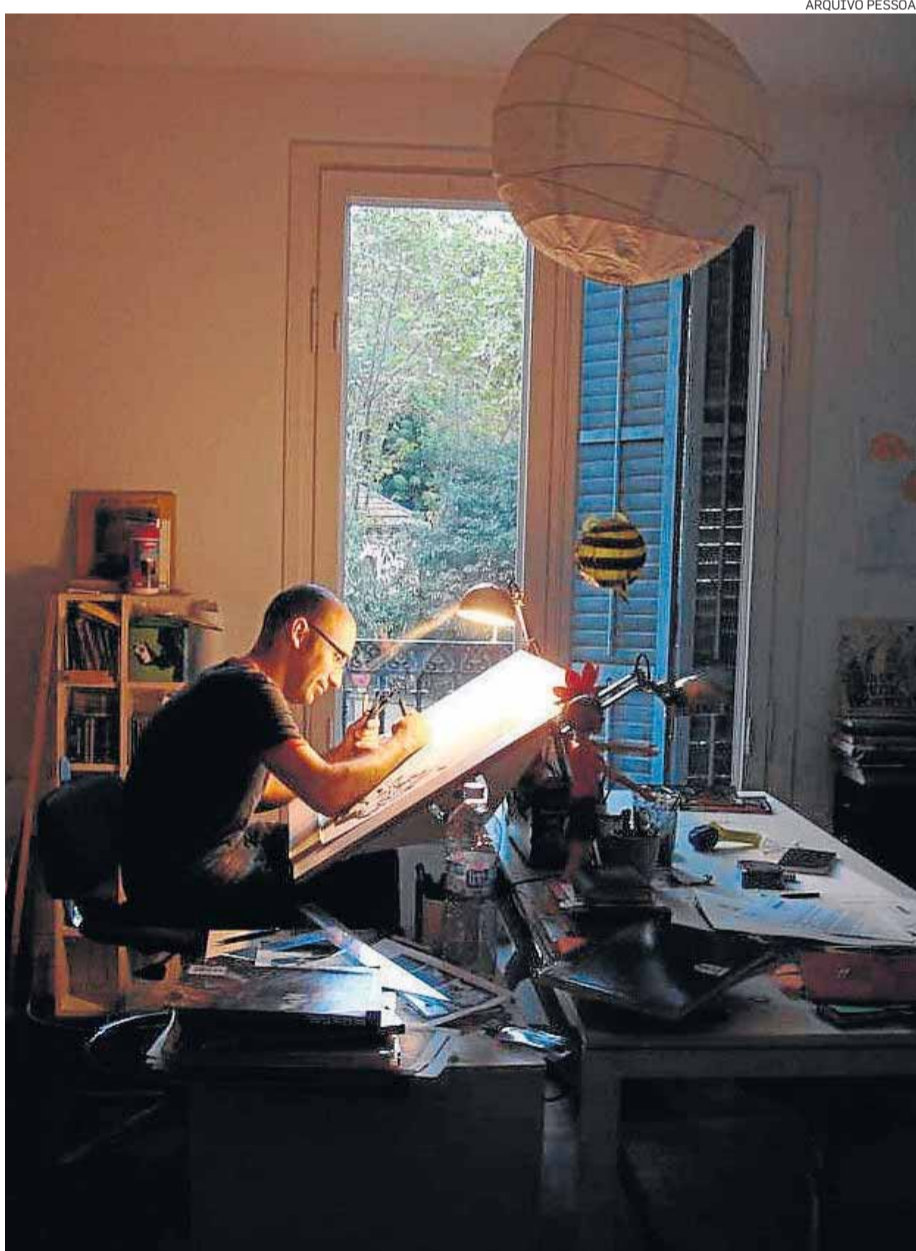
Criada por dois dos mais badalados artistas da indústria norte-americana de história em quadrinhos, o roteirista Brian K. Vaughan e o ilustrador espanhol Marcos Martin, a série está disponível para compra exclusivamente no ambiente que descontrói: a internet, pelo preço que o leitor quiser pagar. E agora com tradução em português, por Érico Assis e Fabiano Derna-din, que já adaptaram outros trabalhos de Vaughan no Brasil.

“Eu queria encontrar uma forma de expandir o público leitor de quadrinhos e diminuir o preço do produto”, explicou Martin em entrevista por e-mail ao Estado. Segundo o artista, que mora em Barcelona, o convite de Vaughan para ilustrar uma nova revista serviu de deixa para colocar seus planos em prática. “O fato de a história tratar de uma realidade sem a web foi apenas uma coincidência.”

*The Private Eye* está disponível para compra no site The Panel Syndicate (panelsyndicate.com) desde 19 de março e na semana passada entrou no ar sua edição em português, com o aval dos autores e com as letras desenhadas pelo próprio Martin. Nos Estados Unidos, a imprensa especializada em quadrinhos anunciou o título como “o primeiro blockbuster digital” do gênero.

Terreno fértil para autores independentes, venda de publicações alternativas, crowdfunding e kickstarters para impressão de trabalhos online, a internet havia sido pouco explorada até então por criadores habituados a trabalhar com grandes editoras, como Vaughan e Martin. Ambos com séries já publicadas nas gigantes Marvel e DC Comics.

Roteirista da série *Lost* ao longo de três temporadas, Vaughan escreveu revistas de



ARQUIVO PESSOAL

66

O retorno é impressionante. A opção mínima de pagamento é US\$ 0,5, mas um leitor pagou US\$ 125 pela primeira edição” Marcos Martin

personagens como Homem-Aranha, Capitão América, Batman e Lanterna Verde. Mas ganhou três de seus quatro Eisner (prêmio máximo dos quadrinhos norte-americanos) com suas aclamadas séries autorais *Y-O Último Homem*, *Ex-Machina* e *Runways* –, as três publicadas no Brasil pela Panini Comics. Pela Image, ele lançou a polêmica e elogiada ficção

científica *Saga*.

“O retorno até agora tem sido impressionante”, diz Martin sobre o gibi digital. Desenhista de séries protagonizadas por Batgirl, Sociedade da Justiça, Doutor Estranho e, mais recentemente, Demolidor, ele e Vaughan tiveram suas contas no sistema de pagamento PayPal travadas durante uma hora no dia de lançamento de *The Private Eye* graças ao excesso de depósitos. “Além de pessoas que leem de graça, a opção mínima de pagamento é US\$ 0,5, mas um leitor pagou US\$ 125 pela primeira edição.”

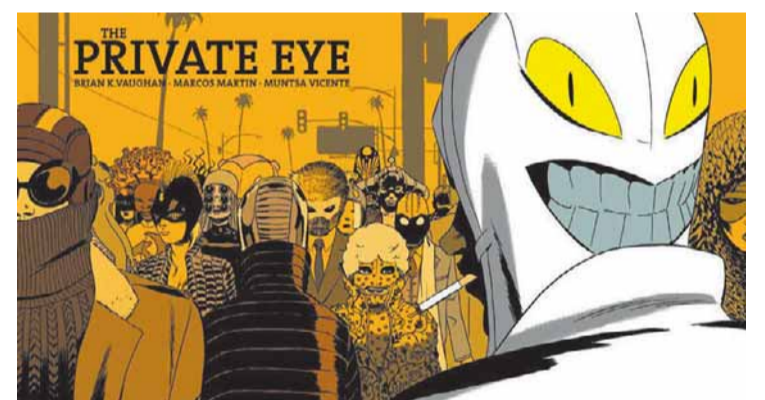
Prevista para durar dez capítulos, *The Private Eye* foi desenhada em formato “wide-screen”, valorizando artes horizontais, o que facilita a leitura em telas de

computadores e tablets. Na única edição publicada até agora, é apresentado o cenário offline no ano de 2076 e o protagonista – Pi, um detetive ilegal especializado em investigar pessoas em uma sociedade de identidades extremamente privadas.

De acordo com Martin, a continuidade do Panel Syndicate depende do sucesso de *The Private Eye*. “Está cedo e precisamos ver o que acontece. Se der certo, a possibilidade de publicarmos outras séries é definitivamente real.” Também dependendo do retorno da primeira publicação do projeto está a venda de trabalhos de outros autores. “Fomos procurados por algumas pessoas, mas ainda não conseguimos pensar na viabilidade dessas propostas”, avisa.

GIBI ONLINE

REPRODUÇÕES



Capa. Página de abertura de *The Private Eye*: 10 capítulos



Artes. Ilustrações horizontais facilitam a leitura online



Máscaras. No futuro, somente identidades secretas



Português. Página já traduzida da série *The Private Eye*